

# FENÔMENOS FONOLÓGICOS EM SALA DE AULA: análise da escrita de alunos dos anos finais do Ensino Fundamental

Wellington Gomes de Souza<sup>1</sup>

## Resumo

---

Os fenômenos fonológicos podem traduzir muitas questões inerentes à produção escrita dos alunos. Entretanto, quando se fala em escrita, objetiva-se alcançar o domínio da norma culta, que é apenas uma parte da língua. Assim, o que, no campo da Fonologia, é considerado fenômeno e é passível de observação e investigação para que se possa entender a competência comunicativa dos nossos alunos, não passa de um mero erro que deve ser corrigido a serviço da aquisição de uma norma culta. Nesse sentido, pretendemos discutir neste trabalho a ocorrência desses fenômenos da língua portuguesa, relacionando-os a outros aspectos, também importantes para o entendimento dos mecanismos que constituem a nossa língua, seja falada ou escrita.

**Palavras-chave:** Fonologia. Fenômenos. Escrita.

## PHONOLOGICAL PHENOMENA IN THE CLASSROOM: analysis of writing students of the final years of the fundamental education

## Abstract

---

The phonological phenomena can translate many issues inherent to the written production of students. However, when it comes to writing, the objective is to reach the area of the standard educated, which is only a part of the tongue. So, what, in the field of phonology, is considered a phenomenon and is subject to observation and research so that we can understand the communicative competence of our students, no more than a mere error that should be corrected at the service of the acquisition of a standard. In this sense, we intend to discuss in this paper the occurrence of these phenomena of the Portuguese language, relating them to other aspects, which are also important to the understanding of the mechanisms that constitute our language, whether spoken or written.

**Keywords:** Phonology. Phenomenons. Writing.

<sup>1</sup>. Professor da rede estadual de ensino do Ceará, lotado na escola EEFM Raimundo Moacir Alencar Mota, em Assaré, Crede 18. Mestrando do Proletras da Universidade Federal de Campina Grande – UFCG – Campus Cajazeira/PB.

## Introdução

---

No contexto escolar, há vários aspectos relacionados ao processo de ensino aprendizagem, envolvendo os fenômenos fonológicos que, na maioria das vezes, passam despercebidos pelos professores. A percepção desses fenômenos é velada pela cultura do erro que prevalece em relação ao uso da língua, principalmente escrita.

No tocante à escrita, por exemplo, podem ser observadas várias situações cuja presença desses fenômenos é constante. Contudo, isso é latente aos olhos dos docentes que consideram como “erro” aquilo que, na verdade, é passível de investigação, pois é composto por uma miscelânea de fatores que vão além da competência comunicativa e estão relacionados a questões etnográficas, sociais, culturais, familiares, além dos elementos de natureza cognitiva e fisiológica.

Assim, analisar a escrita dos alunos não consiste apenas na prática e mecânica tarefa de observar os “erros” cometidos em relação à norma padrão. Ao contrário, é necessário observar as inadequações dos construtos linguísticos desses discentes e investigar como se processam essas situações comunicativas.

Não se pode trabalhar somente na perspectiva do alcance da Norma Padrão do Português Brasileiro. É importante considerar outros aspectos da competência comunicativa dos alunos inerentes a outros contextos que não o escolar. Em outras palavras, é de suma importância considerar as variações linguísticas que estão impregnadas tanto na fala quanto na escrita dos alunos.

Por isso, a análise dos fenômenos fonológicos, recorrentes em produções textuais dos alunos, consiste em algo bastante relevante para ser trabalhado em sala de aula pelos professores. Certamente, se conseguirmos observar como se processam as construções textuais dos alunos numa perspectiva fonológica, entenderemos de maneira mais adequada as dificuldades dos discentes.

A problemática, contudo, está na inabilidade dos docentes em saberem lidar com situações que vão além das regras gramaticais. É de grande valia, então, reconhecer esses fenômenos e avaliá-los sob a égide da Fonologia. É importante ressaltar que, neste trabalho, buscaremos analisar elementos que fogem da alçada da Fonética, tendo em vista que esta se relaciona a aspectos de natureza fisiológica como os pontos de articulação e, em síntese, no estudo do aparelho fonador.

A Fonologia, por sua vez, consiste numa área de estudo que se interessa “pela função linguística dos sons da fala” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 67). Com base nisso, buscaremos observar a ocorrência de alguns fenômenos fonológicos presentes em produções escritas de alunos do 9º ano do Escola de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Moacir Alencar Mota, a fim de investigar como eles se processam no espectro linguístico desses discentes e a relação das ocorrências com aspectos sociais, culturais, entre outros já citados aqui.

Levando em consideração os diversos aspectos que envolvem a produção escrita dos alunos, a reflexão sobre os fenômenos fonológicos será de grande valia para o aperfeiçoamento e variação dessa prática, bem como para a aquisição plena dessa tecnologia, respeitando as diferenças de concepção da escrita nos seus variados contextos sociais, buscando desfazer os preconceitos que envolvem a língua.

Associado a essa análise dos fenômenos fonológicos presentes nos textos dos alunos, será de bom grado relacionar outros aspectos inerentes ao uso da língua. Por isso, relacionaremos o estudo proposto às ideias de letramento, por exemplo, assim como as peculiaridades centradas nos aspectos variacionais do uso da língua, que dizem respeito a questões sociais, geográficas, e até mesmo históricas, quando tratamos da etimologia de determinadas palavras.

## **2. Fundamentação teórica**

### **2.1 Abordagem Metodológica Acerca da Análise dos Fenômenos Fonológicos em Sala de Aula**

O corpus analisado neste trabalho corresponde a uma turma de 40 (quarenta) alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, do turno matutino da Escola de Ensino Fundamental e Médio Raimundo Moacir Alencar Mota, na cidade de Assaré – Ce. Esses discentes estão na faixa etária entre 13 e 14 anos e residem, predominantemente, na zona urbana do município.

A escola oferta seis aulas de Língua Portuguesa durante a semana, sendo que duas aulas são destinadas ao trabalho com a escrita. Nessas aulas, denominadas de aulas de Redação, os alunos são instigados a produzirem textos dos mais variados gêneros, partindo de várias situações comunicativas. Vale ressaltar que a proposta dessas aulas não é treinar o aluno para a feitura de um determinado gênero, mas sim promover o contato com diversas situações comunicativas que envolvam o texto escrito.

Essa prática de produção textual está embasada na ideia de Letramento, definido por Magda

Soares como “resultado da ação de ensinar e aprender as práticas sociais de leitura e escrita; O estado ou condição que se adquire; um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita e de suas práticas sociais”. (SOARES, 2014, p. 39). Assim, busca-se, no desenvolvimento do trabalho com produção textual, promover práticas de letramento que deem sentido aos textos escrito por eles, diante das demandas sociais.

Dessa forma, com o intuito de propiciar aos alunos subsídios para a participação social efetiva nos mais diversos eventos de letramento com os quais eles se deparam no cotidiano, além dos muros da escola e do chão da sala de aula, as produções escritas dos estudantes vão além do habitual, isto é, o trabalho com determinados gêneros e tipos textuais que serão cobrados em determinados certames.

Contudo, as questões a serem consideradas acerca dos fenômenos fonológicos, presentes nesses textos produzidos pelos alunos, ficam absolutamente desprovidas de qualquer análise. Como é corriqueiro, o olhar para o texto é direcionado ao respeito às regras da gramática normativa e a eventual correção dos desvios observados nas produções dos alunos, sem que isso levasse em consideração as idiosincrasias desses produtos textuais que são inerentes a contextos diversos.

Por isso, com o intuito de incrementar a análise desses textos sob um viés fonológico, foi proposta aos alunos uma produção textual que, embora seguisse os padrões usuais de escrita com os quais eles já estavam acostumados, teria como objetivo observar e procurar entender de maneira mais efetiva alguns aspectos da produção textual desses alunos.

Assim, não se observaria apenas as inadequações de uso da norma considerada padrão, mas investigaríamos as situações linguísticas que permeavam os construtos desses estudantes, caracterizando alguns fenômenos fonológicos. Como sabemos, são vários os fatores que concorrem para que o aluno faça uso da língua de uma maneira ou de outra. As razões fonológicas para a escrita dos alunos estão relacionadas a aspectos cognitivos, metacognitivos, por exemplo, que serão responsáveis por determinadas escolhas linguísticas dos discentes.

Para tanto, nos valeremos das ideias contidas em *Fonética e Fonologia do Português Brasileiro*, das autoras Izabel Seara, Vanessa Nunes e Cristiane Lazzarotto-Volcão, referência que nos dará subsídios acerca da importância dos aspectos fonológicos para o entendimento sobre as variações de uso da língua.

Da mesma forma, na perspectiva de reflexão sobre a língua, teremos apoio em *Fonética e Fonologia do Português*, de Thaís Cristófaró Silva, onde encontraremos aporte teórico para o trabalho com a Fonologia (ou Fonêmica), a fim de orientar a nossa prática.

## **2.2 Aspectos Teóricos: O Papel Da Fonologia E Outras Contribuições Para A Produção Textual Dos Alunos**

Antes de fazer a análise propriamente dita da produção escrita dos alunos, é importante fazer algumas considerações sobre alguns aspectos da linguagem. Silva (2003) nos apresenta algumas questões passíveis de análise acerca disso, como podemos observar no que a autora diz a seguir:

Falantes de qualquer língua prestigiam ou marginalizam certas variantes regionais (ou pelo menos não as discriminam), a partir da

maneira pela qual as sequências sonoras são pronunciadas. Assim, determinamos variantes de prestígio e variantes estigmatizadas. Algumas variantes podem ser consideradas neutras do ponto de vista de prestígio. Temos em qualquer língua as chamadas variantes padrão e variantes não-padrão. Os princípios que regulam as propriedades das variantes padrão e não-padrão geralmente extrapolam critérios puramente linguísticos. Na maioria das vezes o que se determina como sendo uma variante padrão relaciona-se à classe social de prestígio e a um grau relativamente alto de educação formal dos falantes. Variantes não-padrão geralmente desviam-se destes parâmetros (SILVA, 2003, p. 12 – negrito da autora).

No âmbito escolar, essas variantes estão relacionadas, geralmente, às distinções que são feitas entre aqueles alunos considerados 'bons' e os que são tidos como 'ruins'. Um exemplo de distinção pode ser marcada pela escrita de cada um, i.e., os que não dominam a variante padrão não atendem aos critérios adotados pelos professores, não só de português, mas de outras disciplinas também, para ser elencado no grupo de 'bons alunos'.

Com isso, os alunos não são vistos como sujeitos, agentes comunicativos que possuem uma competência de escrita em vários contextos, nos quais não precisam, necessariamente, deterem a variante de prestígio. Na verdade, a busca pelo domínio da língua padrão faz com que os alunos se limitem a produzir um determinado gênero textual, para um único fim, que não terá mais sentido após o término dos estudos básicos.

Ao contrário do protagonismo linguístico, o que mais se percebe é a tentativa, quase sempre

frustrada, de preparar os alunos com a perspectiva de que sejam reprodutores da variante padrão, pois esta é a que dará status social e fará com que eles fiquem livres dos estigmas e da marginalização que são impostos a quem utiliza outra maneira de falar ou de escrever diferente da norma.

Com base nas palavras de Silva (2003), é notório que a frenética busca pelo domínio do padrão culto de linguagem ocorre por conta de questões relativas à classe social dos falantes. Perpetuou-se como culto a fala e a escrita de um determinado grupo social, que serve de referência para todos os outros falantes. Assim, quem não consegue adquirir esse padrão, sofre com o preconceito linguístico incutido nas práticas sociais de linguagem.

Todavia, sabemos que há diversas possibilidades de se demonstrar competência comunicativa. Por isso, não devemos direcionar o ensino da língua apenas para o aspecto inerente ao seu caráter culto. Embora seja necessário dominarmos o registro formal da língua, principalmente em determinadas situações de escrita, devemos também reconhecer o valor das variantes linguísticas diferentes daquilo que é padrão.

É importante ressaltar que, em se tratando de uso da língua, não podemos considerar apenas um parâmetro, o culto, por exemplo. Como sabemos, a língua sofre variações das mais diversas que devem ser consideradas para a análise dos fenômenos linguísticos e o respeito à competência comunicativa de cada um. Os próprios fenômenos fonológicos nos mostram que não é viável defender um padrão absoluto como sendo o 'correto' no uso da linguagem.

Além disso, esse padrão linguístico tido como o de prestígio é alvo de discussões desde sempre. Há

várias situações em que o uso de determinadas palavras ou expressões são aceitos por determinados gramáticos e por outros não. Carlos Alberto Faraco diz que, no século XIX, no Brasil pós-independente, houve um conflito sobre qual seria a norma a ser seguida pelos falantes brasileiros: a dos escritores românticos, denominada de abasileiramento de nossa expressão escrita; ou a dos conservadores, que defendiam a imitação estrita da variedade usada pelos escritores românticos portugueses. Assim, Faraco (2013, p. 03) afirma o seguinte:

O resultado desse embate foi o surgimento, entre nós, do fenômeno que o filólogo Celso Cunha (em seu artigo "Política e cultura do idioma") veio a chamar de "dualismo de normas". Ao lado da variedade culta efetivamente praticada pelos falantes brasileiros (uma variedade real e endógena, resultante da dinâmica histórica da nossa sociedade), passamos a ter uma variedade culta importada (exógena) que não combina com o nosso senso linguístico, mas que nos tem sido imposta por um discurso pseudopurista que contamina, em particular, o sistema escolar e o imaginário cultivado pela mídia sobre a língua portuguesa do Brasil.

Vale ressaltar, ainda, que toda essa questão que envolve variedade padrão e não-padrão leva à criação de uma dicotomia entre fala e escrita, sendo que esta se relaciona com o padrão e aquela com o não-padrão. Isso é posto nos livros didáticos e doutrinados, o mais das vezes, pelos professores em sala de aula. Entretanto, Marcuschi e Paiva (2007, p.25) nos dizem que

[...] A formalidade ou informalidade na escrita e na oralidade não são aleatórias, mas se adaptam às situações sociais. Essa noção é de grande importância para perceber que tanto a fala como a

escrita têm realizações estilísticas bem variadas com graus de formalidade diversos. Não é certo, portanto, afirmar que a fala é informal e a escrita é formal.” (grifo nosso).

Podemos fazer uma relação das palavras dos autores supracitados com as ideias inerentes a Letramento, quando se fala em níveis de letramento. Todavia, o trabalho com a escrita em sala de aula não leva isso em consideração. Aliás, quando se fala em prática de letramento na escola, temos que as instituições não se preocupam com o “[...] letramento, prática social, mas com apenas um tipo de prática de letramento, a alfabetização, [...] processo geralmente concebido em termos de uma competência individual necessária para o sucesso e promoção na escola” (KLEIMAN, 1995, p. 20).

Dito tudo isso, a análise dos aspectos fonológicos em questão deve estar pautada nessa miscelânea de fatores que refletem naquilo que é posto na superfície textual por nossos alunos. Assim, esses fenômenos fonológicos devem ser relacionados com os mais diversos aspectos, já expostos, aqui, para que possamos entender como direcionar um feedback adequado na devolutiva dos textos dos alunos.

Na análise dos fenômenos fonológicos encontrados nos textos dos alunos, podemos citar alguns aspectos merecedores de atenção e que, de certa forma são conflituosos em relação aos processos fonológicos. Nesse sentido, podemos nos valer do fenômeno da assimilação, que ocorre “quando os segmentos se tornam mais semelhantes, ou seja, um segmento assume os traços distintivos de um segmento vizinho” (SEARA; NUNES; LAZZAROTTO-VOLCÃO, 2011, p. 109), como é o caso de menino [miˈninu], em que ocorre uma harmonia vocálica com o acento da vogal média ‘e’ em sílaba na posição pré-tônica.

Focados nos textos dos alunos, percebemos algumas situações em que ocorreu o fato de segmentos assumirem os traços distintivos de outros, mas sem a ocorrência de harmonização. Podemos citar a escrita dos termos [en teˈra] para a palavra inteira e [es ti tu i çõesˈ] para a palavra instituições. Como percebemos, houve um abaixamento vocálico sem harmonização.

Destacamos que a análise dos fenômenos fonológicos nos textos dos alunos tinha como uma das etapas o feedback para a orientação acerca das eventuais inadequações. Assim, em relação ao exposto acima, foi proposto uma reflexão linguística acerca da escrita dessas palavras, no sentido de promover a percepção da diferença entre a pronúncia com os sons representados na superfície escrita.

Outro caso diferenciado que ocorreu foi a presença de uma alveolar em posição de uma bilabial, na ocorrência da palavra bastante onde se grafou [das tanˈte]. A isso supomos que a troca deveu-se ao fato de as duas consoantes possuírem a mesma classificação quanto ao vozeamento, i.e., as duas são consoantes vozeadas, embora possuam pontos de articulação de diferentes.

O que foi bastante recorrente em relação aos fenômenos fonológicos foi a presença da ditongação como em [nois] para nós; [mais] para mas e, [treis] para a grafia da palavra três. Percebemos que essas ocorrências estavam relacionadas à modalidade falada da língua e que tais ocorrências se refletem comumente na produção escrita.

Assim, o mais viável em relação a isso seria mostrar aos alunos a necessidade de reconhecer as diferenças de uso, mas sem detrimento de uma modalidade em relação a outra, como é praxe acontecer nos meios escolares.

Para finalizar essa análise, observamos a presença de epênteses como em [opi cão] para grafar a palavra opção; [a di qui rir] para a palavra adquirir. Como podemos perceber, o fenômeno fonológico da epêntese vocálica está relacionado ao acréscimo de um vogal junto a uma consoante em final de sílaba.

As observações feitas nos textos dos alunos e o laboratório feito com eles para promover a reflexão linguística acerca dos fenômenos fonológicos presentes nos textos proporcionaram aos alunos uma visão diferenciada no que diz respeito à escrita que eles produziram. A possibilidade de sentar com os alunos e fazer com que eles mesmos percebam as inadequações na construção de alguns vocábulos, permitiu a eles uma apuração maior em relação a textos posteriores.

De maneira geral, observamos um padrão de inadequações para este corpus analisado. Os fenômenos descritos aqui foram recorrentes em muitas produções, o que pode viabilizar um trabalho mais bem direcionado para a busca da adequação acerca da escrita dos alunos.

Em relação à literatura visitada, percebemos variações de fenômeno que vão além daquilo apontado pelos autores, como é o caso da falta de harmonização em alguns casos citados.

### **3. Considerações Finais**

---

Como mencionamos neste trabalho, o conhecimento fonológico que se adquire com a leitura sobre a literatura desta área é uma conquista para o professor de língua portuguesa que trabalha sistematicamente com produção textual.

Num contexto de ensino de língua em que o grande obstáculo é a inabilidade dos alunos em escrever, o que se comprova com o resultado de avaliações como o Exame Nacional do Ensino Médio – Enem – certamente essa visão fonológica acerca da produção escrita desses alunos, ainda no Ensino Fundamental, dará mais subsídios a eles para trilharem um caminho menos pedregoso no Ensino Médio.

Em relação aos fenômenos fonológicos observados e analisados aqui, podemos concluir que a ocorrência deles está relacionada a pouca familiaridade que os discentes possuem com a tecnologia da escrita. Em outras palavras, a escrita desenvolvida pelos alunos está muito relacionada à fala, visto que as marcas de oralidade presentes nos textos são bastante recorrentes.

Vale ressaltar que não está em questão o domínio sobre determinados tipos ou gêneros textuais, mas sim o fato de que os alunos não conseguem, no momento das atividades escritas, observar a função linguística dos elementos constitutivos de sua escrita, no âmbito da Fonética e da Fonologia.

Algumas situações de natureza simples em relação a essas duas áreas de estudo poderiam contribuir bastante para a concepção de textos e domínio pleno da tecnologia da escrita por parte dos alunos. Podemos exemplificar isso falando dos níveis de altura da língua em relação à produção sonora das vogais. Essa observação poderia auxiliar na diferenciação do [e] conjunção e do [é] verbo.

De acordo com o que foi exposto na discussão, fatores relevantes devem ser considerados em relação aos fenômenos fonológicos apresentados. No âmbito cognitivo, as dificuldades que vão desde a imperícia para grafar determinadas letras até o

déficit de aprendizagem em algumas disciplinas ou de alguns conteúdos refletem no uso da tecnologia escrita.

Além disso, questões de natureza social interferem nesse processo de escritura e na ocorrência desses fenômenos fonológicos. Para abarcar essa ideia, podemos citar o fato de que as variantes sociais e econômicas de cada aluno refletem no modo como esse aluno domina a língua escrita, ou a língua de maneira geral.

Assim, os alunos que moram na zona rural, apresentam fenômenos fonológicos os quais não se percebem nos textos dos alunos da zona urbana. Da mesma forma, as diferenças de poder aquisitivo refletem na escrita, assim como na fala desses alunos.

Por isso, podemos dizer que, em relação ao corpus observado, os alunos que são oriundos de uma família de poder aquisitivo razoável para os padrões do nosso município, apresentam menos fenômenos fonológicos em relação aos demais alunos.

Dessa forma, podemos dizer, então, que é necessário que o olhar do professor vá além daquilo que está escrito, de maneira superficial no texto. Há diversos outros fatores que contribuem para o entendimento daquilo que está escrito, o porquê de estar escrito de uma maneira que não condiz com os parâmetros defendidos nos bancos escolares.

Além disso, é necessária a abertura para a aceitação dos alunos enquanto sujeitos que têm suas razões para se manifestarem da maneira que lhes cabem. Ao professor, cabe a tarefa de fazer as intervenções devidas com a consciência de que não há absolutismo em relação aos aspectos de linguagem e de uso da língua.

Vale dizer, enfim, que o ensino de língua deve levar em considerações os fenômenos fonológicos que concorrem para a produção escrita dos alunos. Ressaltamos, ainda, que um ensino de língua que queira ser eficaz, principalmente no que diz respeito à norma, deve levar em consideração as variações de seu uso.



## 4. Referências

---

FARACO, Carlos Alberto. **Modalidade escrita formal da Língua Portuguesa**. [s.n.t.].

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1995.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; DIONÍSIO, Angela Paiva. **Fala e escrita**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SEARA, Izabel Christine; NUNES, Vanessa Gonzaga. LAZZAROTTO-VOLCÃO, Cristiane. **Fonética e fonologia do português brasileiro**. 2º período. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

SILVA, Thaís Cristóforo. **Fonética e Fonologia do português**. 7 ed. São Paulo: Contexto, 2003.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.